



PSICODIAGNÓSTICO NO CONTEXTO ESPORTIVO – UMA EXPERIÊNCIA COM O FUTSAL

PSYCHODIAGNOSIS IN SPORTS CONTEXT - AN EXPERIENCE WITH FUTSAL

¹Nícolas Ruschel Petry, ²Daniel Abs

RESUMO: Embora a psicologia do esporte esteja inserida nas mais diversas modalidades esportivas, não existe um consenso sobre suas práticas e ferramentas a serem utilizadas. Este estudo traz uma reflexão sobre as concepções da psicologia do esporte e propõe o psicodiagnóstico como ferramenta para a entendimento das demandas individuais do atleta que afetam seu rendimento e competitividade. Por meio de um caso ilustrativo será exposto um exemplo de psicodiagnóstico realizado com o futsal, procurando demonstrar as possibilidades desta ferramenta de avaliação na performance esportiva de um atleta. O estudo demonstrou que o psicodiagnóstico traz grande contribuição no trabalho do psicólogo para levantar dados e entender a demanda do atleta, bem como sua personalidade, afim de montar estratégias de desenvolvimento deste, auxiliando a comissão técnica e o jogador.

Palavras-chave: Psicologia do Esporte; Psicodiagnóstico; Preparação Psicológica.

ABSTRACT: *Although the psychology of sports is inserted in the most varied sports, there is no consensus about its practices and tools to be used. This study brings a reflection on the conceptions of sports psychology and proposes the psicodiagnóstico as a tool for understanding the individual demands of the athlete that affect his performance and competitiveness. Through an illustrative case will be exposed an example of psicodiagnóstico realized with the futsal, trying to demonstrate the possibilities of this tool of evaluation in the athletic performance of an athlete. The study demonstrated that the psychodiagnosis makes a great contribution in the work of the psychologist to collect data and understand the athlete's demand, as well as his personality, in order to set up strategies for his development, assisting the technical commission and the player.*

Keywords: *Psychology of Sport; Psychodiagnosis; Psychological preparation.*

INTRODUÇÃO

O Psicodiagnóstico se constitui de uma avaliação psicológica, dentro de seus diferentes modelos, diferindo-se por ter propósitos clínicos, em um processo que



visa a identificar as potencialidades, as necessidades e as dificuldades no funcionamento psicológico do sujeito em avaliação, com determinado foco sobre uma demanda previamente identificada (Cunha, 2000, pg 23). É um processo de conhecimento do sujeito em estudo, identificando potencialidades e fragilidades, delimitando fatores que definam a futura intervenção e um possível prognóstico (Siqueira & Oliveira, 2011).. Desta forma, o processo do psicodiagnóstico conta com objetivos bem definidos, procurando respostas e soluções para os problemas apresentados na demanda. As estratégias deste processo vão depender de: 1 – Análise de Demanda, 2 – Os objetivos do Psicodiagnóstico, 3 – a Escolha dos testes e ferramentas a serem utilizadas, 4 – a Sistematização dos dados coletados em todas as ferramentas e 5 – a Devolução dos resultados em um laudo psicológico (Cunha, 2000).

O objetivo deste trabalho é o de relacionar estas etapas do psicodiagnóstico no contexto esportivo, relacionando-o com a prática de trabalho da psicologia do esporte em alto rendimento – atuando em um clube de futsal, com as categorias de base. Pode-se, desta forma, entender cientificamente o processo de psicodiagnóstico em meio às vicissitudes do esporte de competição – como os conflitos interpessoais, o alto nível de rendimento, a tolerância a constante avaliação, o controle de impulsos, entre outros (Buceta, 2008) – analisando suas reais demandas, compreensões, avaliações, testagens e compreensões psicodinâmicas. No entanto, as necessidades do contexto esportivo não são, *a priori*, as mesmas de um contexto clínico a qual a psicologia está normatizada e amparada teoricamente para operar e utilizar o psicodiagnóstico como ferramenta (Rubio, 2007, pg. 156).

A PSICOLOGIA DO ESPORTE

Para que seja possível entender o processo do psicodiagnóstico no âmbito esportivo, é necessário entender as necessidades da psicologia do esporte, sua história, seus métodos, cultura e costumes – afinal de contas, que lugar é esse que

o psicólogo ocupa dentro (ou fora) da quadra? A que é chamado o psicólogo e com o que vai trabalhar? Primeiramente, é possível distinguir a psicologia *do* esporte e a psicologia *no* esporte. O primeiro caso trata-se de uma psicologia ambientada no processo esportivo e conta com o entendimento deste, bem como dos seus signos, expressões e cultura – é o psicólogo dentro de um trabalho “pluridisciplinar” nas Ciências do Esporte (Bracht, 1995). O segundo caso é entendido como a aplicação dos saberes da psicologia clínica, educacional ou organizacional ao esporte (Rubio, 2007).

Desta forma, o entendimento deste trabalho é da aplicação prática na psicologia *do* esporte, uma área apontada por diversos autores como uma intersecção de diferentes saberes, que trabalham de forma interdisciplinar (De Rose Jr, 2009). Entre eles, a saber: Psicologia, Educação Física, Antropologia, Teologia e Filosofia (Scaglia, 2008)

Para entender a relação da psicologia com o esporte, neste contexto interdisciplinar, é preciso mapear um pouco da história da área no Brasil. Com sua primeira atuação ainda na década de 50, o “*ponta pé inicial*” foi dado no trabalho de juízes e atletas de futebol da seleção brasileira, com o objetivo de preparar o time para o grande evento da Copa de 1958 (Rubio, 2001, pg. 23). A partir deste trabalho inicial, o Brasil chamou a atenção de vários países, por sua performance em campo e pelo resultado: a Seleção Brasileira ganhou seu primeiro título mundial na Copa daquele ano.

O acontecimento gerou a possibilidade de relacionar a psicologia com o esporte, mais especificamente com o futebol. O psicólogo João Carvalhaes foi o responsável pela execução e apresentação do trabalho intitulado “Correlação entre o estado psicológico e o rendimento do atleta de futebol”, grande novidade para a psicologia – e para o esporte – da época. Apesar disso, a psicologia do esporte volta a se fazer presente em estudos científicos – no Brasil – apenas nas décadas de 80 e 90, com trabalhos nos quais o psicólogo aparece – de fato – na relação com o atleta



– e sua performance – e com o treinador, assim como com as diversas modalidades esportivas (Rubio, 2003).

Atualmente, a psicologia do esporte é reconhecida nos diversos meios esportivos, atuando com as diversas áreas de conhecimento que o englobam – tanto na teoria quanto na prática. Segundo a APA – American Psychological Association (1999), o psicólogo esportivo deve trabalhar com o atleta para que este possa alcançar um “*nível ótimo de saúde mental*”, otimizando seu rendimento e performance. No entanto, Rubio (2007) ressalta que técnicos, treinadores e atletas procuram o psicólogo do esporte não só para o seu rendimento esportivo, mas para que possam aprender a lidar com o constante enfrentamento ao estresse, a constante avaliação e o controle da concentração – principais vicissitudes do meio do esporte de alto rendimento (Buceta, 2008).

Outro fator de grande interesse do meio esportivo para com a psicologia do esporte são as técnicas motivacionais. Geralmente apresentada pela comissão técnica como a principal demanda dos atletas, a Motivação pode ser entendida como essencial para que os jogadores treinem e joguem com atenção, foco e concentração. Podendo, desta forma, atingir um potencial máximo de rendimento durante as competições (Buceta, 2008). No entanto, autores como Ryba e Wright (2005, *apud* Scaglia, 2003) advertem para o fato de que, para que as técnicas motivacionais ocorram, as mesmas devem ter sentido na relação do sujeito para com o seu domínio sociocultural.

Sendo assim, para que a motivação (de fato) ocorra, é necessário o entendimento do sujeito em todo o seu quadro social, buscando entender seus interesses para com o esporte e a modalidade esportiva. Brandão (2008) aponta para a concepção de que a compreensão das técnicas motivacionais pode ser entendida como motivação intrínseca (auto-realização, prazer e competência) ou extrínseca (medalhas, títulos e dinheiro). Segundo o mesmo autor, cabe ao psicólogo o entendimento de quais as motivações que acessam com mais facilidade



o atleta em questão para que as competências motivacionais se dêem no âmbito correto.

Diversos autores apontam as áreas de atenção e atuação do psicólogo na prática esportiva. Buceta (2008) descreve os seguintes pontos: estresse, ansiedade, tolerância a adversidade e avaliação, controle do medo de cometer erros, autoconfiança, agressividade e autocontrole. Em contrapartida, Barreto (2003), introduz o trabalho de prática clínica para o reajuste emocional do atleta, do treinador e de toda a comissão técnica, amparado por diversos autores que concluem que o trabalho da psicologia não é apenas com o atleta. Neste sentido, o lugar do psicólogo do esporte vai depender do seu entendimento teórico, da demanda apresentada e, por fim, da disponibilidade do atleta, da comissão técnica e das demais áreas de conhecimento que englobam o âmbito esportivo, frente a presença deste.

Com este breve apanhado de informações sobre a história e a construção da psicologia do esporte, bem como suas principais concepções e atuações, é possível visualizar a grande variedade de áreas que confluem na sua formação e prática profissional. Para tanto, cabe ao psicólogo o conhecimento das demais áreas de atuação, das necessidades técnicas (e psicológicas) da referente modalidade esportiva e, principalmente, do atleta – ou sujeito – com o qual vai trabalhar. Afinal de contas, que sujeito é esse que será preparado psicologicamente para uma competição? O que o motiva? Qual sua perspectiva com a referente modalidade esportiva? Estes e outros pontos são descritos, analisados e percebidos, por meio de um processo de psicodiagnóstico no contexto esportivo.

O PSICODIAGNÓSTICO NO ESPORTE

O psicodiagnóstico, como descrito por Cunha (2000, pg. 26) pode ter mais de um objetivo, dependendo do encaminhamento, das necessidades da parte solicitante, das demandas, hipóteses e da percepção do próprio sujeito – aqui chamado de atleta – sobre o ambiente da avaliação psicológica e da prática da

psicologia. Em tempo, não se pode esquecer que, tal qual alerta Buceta (2008), o atleta é constantemente avaliado – seja em treinos, jogos e, até mesmo fora da quadra. Logo, a percepção do mesmo sobre esta – mais uma avaliação – deve ser compreendida e ser levada em consideração nos passos seguintes do psicodiagnóstico.

Dentro das diversas propostas de objetivos de uma avaliação psicológica clínica, o psicodiagnóstico esportivo pode ser entendido, orientado e aplicado, fundamentalmente, em duas categorias: *Descrição* e *Prevenção* (Cunha, in Taborda, Prado-Lima & Busnello, 2000, pg. 51). No primeiro caso, o psicodiagnóstico tem o objetivo de classificar os comportamentos e os níveis intelectuais do sujeito, interpretando-os para, a partir disto, definir potencialidades e dificuldades presentes na personalidade e no funcionamento psíquico do sujeito. No entanto, quando o objetivo é o de *Prevenção*, procura-se identificar precocemente os possíveis problemas e curso do funcionamento psíquico do sujeito, avaliando os riscos, a integridade do ego; bem como a capacidade de enfrentar situações novas, difíceis e estressantes.

Porém, em linhas gerais, podemos definir o objetivo do processo de avaliação psicológica do esporte com o produto final, esperado pela comissão técnica: aumentar o desempenho e melhorar a *performance* do atleta em quadra. Para tanto, considera-se que todo o treinamento esportivo, dentro dos seus componentes – físico, tático, técnico e etc. – possuem um *correlato* psicológico, que assegura o desenvolvimento destes, por meio da aquisição de habilidades psicológicas para enfrentar o processo de aprendizado e prática final destas práticas, aumentando o rendimento do atleta em quadra – dentro das capacidades psicológicas do atleta (Markunas, 2003).

Desta forma, a avaliação psicológica do atleta pode responder a: a) fatores de personalidade e de sua percepção da realidade; b) fatores de desenvolvimento psíquico, cognitivo e afetivo; c) potencialidades e fraquezas do sujeito; d) nível de

fortalecimento do ego exigido para o rendimento esportivo saudável e positivo; e) possíveis intervenções para solução ou manutenção de sintomas que prejudiquem o seu rendimento; f) nível de capacidade psicológica do atleta para desenvolvimento de todos seus *correlatos* (Markunas, 2003).

Todos estes fatores e percepções podem ser introduzidos dentro de um objetivo geral de *Descrição*, quanto de *Prevenção*, dependendo do encaminhamento, da demanda e da percepção do atleta quanto a esta avaliação. Estes dados são importantes, pois fazem parte do processo de *Preparação Psicológica*, onde pretende-se o desenvolvimento de habilidades e comportamentos compatíveis e necessários ao rendimento esportivo (Markunas, 2003).

Segundo Martini (2007), a Preparação Psicológica é realizada por meio de uma diversificação de atividades que envolvem o psicodiagnóstico, a planificação de dados acerca do rendimento do atleta, a intervenção psicológica clínica e a reavaliação de programas de treinamentos específicos da categoria, como preparação física, preparação de goleiros e atividades de planejamento tático. Promovendo a preparação psicológica geral do atleta para a competição.

No entanto, o psicodiagnóstico é fundamental dentro deste processo, pois é a partir dele e de seus resultados – parciais – que é possível definir as intervenções necessárias para a *Preparação Psicológica* do atleta. Por tanto, esta avaliação deve conter dados diversificados, contemplando o atleta como sujeito em questão. São estes: psicofisiológicos, sociológicos e de personalidade do atleta (Martini, 2007).

Ao mesmo tempo, é no psicodiagnóstico que é possível definir as condições do atleta de lidar – a partir de uma auto-instrução – com as principais situações que ocorrem no ambiente competitivo e que definem, diretamente, o desempenho e rendimento em quadra, são eles: concentração, motivação, estresse e emoções (Figueiredo, 2007). Esta definição é parte fundamental do início do processo de Preparação Psicológica, contemplando o objetivo de Prevenção no psicodiagnóstico.



Para tanto, os dados levantados na avaliação, devem ir ao encontro desta necessidade da Preparação Psicológica, entendendo o contexto psico-sócio-cultural do atleta (Brandão, 2008). Segundo Weinberg & Gould (2001, pg. 253):

“os temas específicos que você poderia escolher para seu programa de treinamento de habilidades psicológicas dependerão dos atletas em particular, de suas orientações e de outros fatores pessoais que eles levam consigo para a situação de competição”.

Singer (1977), atribui grande importância à investigação das necessidades e vicissitudes individuais de cada atleta. Observa que o treinador deve conhecer a personalidade de seus jogadores, além das aptidões físicas e técnicas. Ao final, problematiza:

“Seria maravilhoso estar apto a colocar atletas em times, em competições ou em posições de acordo com seus traços ou perfis de personalidade, como o fazemos com as habilidades físicas demonstradas. Talvez um dia possamos fazer isto” (Singer, 1977, pg. 85).

O entendimento da necessidade de contemplar estes conceitos traz à tona uma série de questões, a serem investigadas pelo psicólogo em um contexto esportivo. Atualmente, estas questões não são de comum acordo entre os principais autores nacionais da psicologia do esporte. Para tanto, este trabalho vai apresentar a perspectiva de inserção e intervenção do psicodiagnóstico no contexto esportivo, em um clube de futsal. Desta forma, permitindo a revisão bibliográfica acerca do psicodiagnóstico esportivo e apresentando uma proposta de trabalho neste contexto. Caminhando, talvez, no sentido da proposta que Singer (1977), em seu tempo, já pontuava.

APRESENTAÇÃO DO CONTEXTO LOCAL

Esta breve apresentação tem o objetivo de ambientar, mesmo que superficialmente, o contexto do clube, da modalidade e da categoria ao qual é aplicada a inserção do trabalho da psicologia do esporte. Neste trabalho, o enfoque



se dará dentro do psicodiagnóstico, contemplando exemplos e apresentando, no capítulo seguinte, uma breve proposta de metodologia de psicodiagnóstico, aplicada atualmente no clube de futsal UJR – União Jovem do Rincão.

A UJR foi fundada em 1978, em Novo Hamburgo e hoje se divide em três distintos projetos: Categorias de Base, Escolinhas de Futsal e um projeto Social, chamado Futsal Social. Ao todo, são cerca de 1.100 atletas treinando, semanalmente, nestes três serviços. Utiliza-se da Lei de Incentivo ao Esporte para manter o projeto social e suas Categorias de Base, com diversos patrocinadores, entre eles, Feevale, Banrisul, Lojas Renner, Sulgás e Bottero.

A inserção da psicologia do esporte está situada nas Categorias de Base, onde são trabalhadas as categorias sub-11, sub-13, sub-15, sub-17 e sub-20, todas estas na modalidade do Futsal. A categoria elegida para os casos clínicos deste trabalho é a de sub-20, ou seja, jovens de 17 a 20 anos de idade, que treinam cinco dias por semana, na sede da UJR e hoje o “carro chefe” do clube em termos de competição. Além disso, a categoria disputa a competição Estadual de futsal, evento organizado pela FGFS – Federação Gaúcha de Futebol de Salão, entidade máxima do esporte no Estado.

O Futsal, também conhecido como Futebol de Salão, é um esporte coletivo, de invasão e que envolve contato físico (Voser, 2015). Brandão (2008) destaca que, por ser um esporte coletivo, o êxito de uma equipe depende da união de todos os membros, possibilitando a vitória. O mesmo autor destaca que os atletas dessa modalidade enfrentam: vivências e pressões de pais e familiares, angústia e insegurança, ansiedade e medo ao erro. Outros autores, como Batista (2005), apontam que, por ser um esporte de muito contato físico, os principais sintomas psicológicos do mesmo são: ansiedade, baixa tolerância à frustração, baixa auto-estima, dificuldade no manejo das habilidades sociais e somatização.

É importante destacar que o Futsal, diferentemente do Futebol, conta com 5 jogadores, sendo quatro na “linha” e um no “gol”. Outra grande diferença é o tempo



de jogo – dois tempos de 20 minutos – e o fato de poder substituir quantos jogadores quiser, durante o jogo. No entanto, o máximo de jogadores que podem participar da partida são 14. Atualmente, o plantel (jogadores que participam dos treinos e que podem entrar nos jogos) é de 22 jogadores; no entanto, apenas 14 destes podem, efetivamente, estar jogando. Desta forma, é possível existir uma competição, dentro do próprio time, para ser convocado nos jogos.

Além das principais características apresentadas sobre o futsal – e da maioria das questões psicológicas nele envolvidas – é necessária, também, a contextualização da categoria sub-20. Apesar de estarem na categoria mais próxima do futsal profissional, onde as regras são exatamente iguais, os atletas são adolescentes e possuem 17 a 20 anos. O entendimento acerca da adolescência e seu contexto familiar devem ser levados em consideração, possibilitando maior compreensão da proposta de psicodiagnóstico desenvolvida neste trabalho.

Segundo Suárez (2008), os aspectos do desenvolvimento psicossocial individual do atleta, o acompanham dentro de quadra e influem em seu rendimento, principalmente na adolescência. Entre eles, o autor destaca o papel da família e dos vínculos de amizade. Desta forma, a investigação dos subsistemas parentais do atleta é de fundamental importância para o entendimento deste, de suas perspectivas, das exigências e influências de seus pares na motivação e desempenho do atleta no esporte.

Singer (1977), destaca a influência do afeto, divertimento, reciprocidade, cooperação e consideração mútua nos vínculos entre os atletas adolescentes, para com o seu rendimento dentro (e fora) de quadra. O autor refere que o entendimento destes fatores é de grande importância ao avaliarmos o lugar do atleta no grupo e seus vínculos sociais, pois afetam o seu desempenho em quadra e demonstram um pouco do seu funcionamento e de sua personalidade.

A METODOLOGIA DO PSICODIAGNÓSTICO NO FUTSAL – UMA PROPOSTA



A metodologia empregada na proposta de psicodiagnóstico que é apresentada neste trabalho se dá de forma transversal aos contextos da avaliação psicológica e as necessidades do âmbito esportivo. No entanto, mantendo a base teórica básica do psicodiagnóstico em suas etapas e entendimentos práticos e éticos. Portanto, os passos do processo de avaliação no esporte são os mesmos que em outros contextos.

Segundo Ocampo & Arzeno (1985), o processo de psicodiagnóstico, conta com as seguintes etapas: solicitação, primeiras entrevistas, informações adicionais com terceiros, hipóteses iniciais, planejamento diagnóstico, aplicação da metodologia planejada, aplicação de testes, levantamento de dados, estudo do material colhido em todo o processo, definição de diagnóstico e prognóstico, formalização do psicodiagnóstico em forma de laudo e entrevista devolutiva. A mesma autora ressalta, no entanto, que estas etapas vão depender da demanda apresentada, do objetivo do psicodiagnóstico e da forma de trabalho do psicólogo.

No contexto esportivo não é diferente, utilizam-se as mesmas etapas, mas com um enfoque que contemple, acima de tudo, o rendimento em quadra do atleta, assim como suas relações de colaboração dentro do grupo. As etapas são, basicamente: avaliação da solicitação, acompanhamento do atleta no treino e em, pelo menos, um jogo; entrevista inicial, planejamento de testes e objetivo do psicodiagnóstico, levantamento de dados, devolutiva para o atleta e para o solicitante e, fundamentalmente, um plano de ação que contemple as necessidades e peculiaridades do atleta nos treinos e jogos.

O atleta pode ser encaminhado pela comissão técnica – geralmente o treinador – ou, em alguns casos, procurar de forma espontânea o serviço da psicologia. Nos casos de encaminhamento, cabe ao psicólogo avaliar a demanda do solicitante, seja ela explícita ou não (Tavares, 2012). Desta forma, o encaminhamento vai apontar para o motivo manifesto, cabendo ao psicólogo a investigação do motivo latente.



O motivo manifesto, basicamente, é a queixa principal do solicitante, por exemplo, um problema de conduta do atleta (como fazer muitas faltas em um só jogo). De outro lado, o motivo latente é inconsciente e pode ser o de uma situação muito diferente (Cunha, 2000), como o de uma fantasia de abandono por parte do restante do grupo, por exemplo. Desta forma, avaliar a demanda é integrar a queixa principal com a observação do atleta, dentro e fora da quadra, procurando hipóteses e verificando se é um caso onde o psicodiagnóstico é indicado (Becker, 2015). Portanto, é fundamental a análise da demanda para planejar e aplicar um psicodiagnóstico no contexto esportivo.

A entrevista inicial é uma das ferramentas utilizadas em diversos contextos de avaliação. Segundo Morrison (2010), o objetivo de uma entrevista inicial é o de clarificar o sujeito a partir de suas diversas perspectivas: *dinâmicas, biológicas, sociais e comportamentais*. Envolve informações sobre sintomas, relacionamentos, exame do estado mental, avaliação dos pensamentos e comportamentos do atleta, bem como o de sua história. Além disso, informações como: história de vida e perspectivas de rendimento, suas expectativas e possibilidades, limitações e desafios; são necessárias para planejar os processos interventivos do psicólogo com determinado atleta (Markunas, 2003). Estas informações devem ser levantadas nas primeiras entrevistas.

Desta forma, no contexto esportivo será valorizado: a perspectiva do atleta em relação ao esporte e a própria psicologia – e sua importância no seu rendimento – além de dados psicossociais e a percepção do atleta a seu rendimento, procurando suas fantasias de cura e principais mecanismos de defesa (Becker, 2015). O desenvolvimento de um bom *rapport* é fundamental para este primeiro contato, pois envolve confiança e um contexto *harmonioso* com o atleta em questão, permitindo um maior número de informações e percepções deste quanto ao motivo manifesto e o latente (Morrison, 2010).

O instrumento utilizado para a testagem no psicodiagnóstico é o HTP – House, Three and Person, a partir do guia de Buck (2003). A escolha do teste se baseia em suas possibilidades de interpretação, informações extraídas e praticidade na aplicação. Segundo o autor, o HTP é uma técnica gráfica projetiva, onde é possível obter informações acerca da personalidade do sujeito, bem como a sua interação com meio social e o ambiente do lar. Desta forma, estimula a projeção de elementos e fatores da personalidade, juntamente com as áreas de conflito, auxiliando no entendimento do funcionamento do sujeito e facilitando a relação terapêutica. Além disto, não é considerado um teste ansiogênico, facilitando seu uso e aplicação no meio esportivo.

Segundo Freitas (*in* Cunha, 2000, pg. 520) o HTP contém três possíveis vértices de levantamento de informações e interpretação: inter-relações familiares atuais e na infância (dinâmica do lar, percepção da família, aspectos do ego), auto-imagem e auto-conceito (visão de si mesmo, reconhecimento da sua relação com o ambiente, aspectos de “self”), além do nível de ajustamento psicossocial atual do sujeito. Desta forma, as informações obtidas na sua aplicação, corroboram com os dados necessários para o entendimento psico-sócio-cultural do atleta.

E é a partir do levantamento de todos os dados descritos, acima, que será possível obter um diagnóstico psicodinâmico do atleta, seu funcionamento, suas fraquezas e potencialidades; além de, fundamentalmente, um plano de trabalho para desenvolver a *Preparação Psicológica* deste. É como consequência do psicodiagnóstico que se delineará e planejará a intervenção com o atleta, a comissão ou com o grupo de jogadores, procurando o aumento do potencial competitivo e psicológico do atleta.

UM CASO ILUSTRATIVO

Luis tem 19 anos, joga na posição de “ala” e foi encaminhado pelo treinador da categoria. A demanda principal, relatada no encaminhamento, foi da necessidade

de Luis entender a movimentação tática do time nos treinamentos, conseguindo colocá-la em prática nos jogos. Quando informado da avaliação psicológica, Luis aceitou prontamente, dizendo que procurava se conhecer melhor, além de apontar como importante a característica psicológica para o seu rendimento em quadra.

Em conversa com o treinador, o mesmo apontou para o potencial técnico de Luis e da necessidade de “utilizá-lo” em quadra nos jogos de uma importante competição. No entanto, para que isso fosse possível, o mesmo teria de ter “*mais cabeça*” (sic) no jogo, conseguindo colocar em prática os movimentos táticos do time – apresentados no treino – com a movimentação do time adversário, durante os jogos. Luis concordou com a demanda exposta pelo treinador, complementando que sentia-se “*desconectado com o treinador*” (sic), não entendendo seus apontamentos (táticos) durante o treino. Expôs também dificuldades para com o grupo de atletas.

Em observação inicial, durante os treinamentos, foi possível identificar em Luis um grande potencial nos movimentos técnicos – chute, drible, passe e demais fundamentos psicomotores inerentes à categoria de Futsal. Além disso, o nível motivacional de Luis variava, constantemente, durante os treinamentos: oscilando entre hipo e hiper. O restante do time atribuía a Luis um grande papel no grupo, onde todos o respeitavam e demonstravam interesse por sua presença no ambiente *extra-quadra*, apesar de Luis relatar sentir-se afastado do grupo. No entanto, em quadra, Luis não tinha espaço em algumas atividades e movimentações do treino, ficando em segundo plano dentro do planejamento do treinador

Na aplicação do teste projetivo, Luis demonstrou uma visível necessidade de apoio, no sentido emocional, que influenciava seu rendimento em quadra. Apresentou um nível alto de ansiedade, dizendo que este estaria “*atrapalhando a vida*” (sic). Além disto, no psicodiagnóstico Luis manifestou grande carência afetiva; dificuldades intrapessoais, baixa auto-estima, boa relação interpessoal (se posiciona bem dentro do grupo), preocupação para com o outro e dificuldade para receber críticas – por sentir-se muito cobrado nestes momentos. No entanto, apresentou



uma grande potencialidade cognitiva, fator decisivo para aumentar seu rendimento e desempenho em quadra.

Os dados obtidos foram integrados em uma devolução para a comissão técnica, onde foi possível recomendar que o manejo com tal jogador fosse alterado: o treinador exemplificaria a movimentação tática para o atleta ao final dos treinamentos, a comissão técnica utilizaria de reforços positivos constantes para com o jogador, aumentando sua autoconfiança. Além disso, Luis teria mais espaço no grupo de atletas, colocando-o mais em treinamentos táticos e físicos e com mais contato com o grupo. A percepção de Luis acerca de seu rendimento em quadra foi incentivada e valorizada, desde o início do processo de avaliação psicológica.

Algumas semanas após o final do psicodiagnóstico, Luis foi novamente entrevistado. Desta vez, se dizia bem no início daquela temporada, sentindo-se tranquilo nos treinos e entendendo, sobretudo, a “linha burra” (sic), marcação da movimentação tática apresentada pelo treinador, que não conseguia executar anteriormente. Apontou também o fato de estar construindo seu espaço no time, tendo evolução (principalmente no seu passe e na marcação) e que, como fator positivo, em 5 jogos, fez 4 gols. Alguns meses depois, Luis se destacava no time titular, de forma a tornar-se o capitão do time no final da temporada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Há muito tempo que o esporte não se resume apenas às quatro linhas (no quadra do futsal, do futebol e do vôlei, por exemplo), partindo de concepções e estudos científicos do rendimento técnico, tático e físico do atleta. Neste caminho, a psicologia do esporte vem se colocando como uma ferramenta nessa equação, procurando auxiliar técnicos e atletas a lidarem com as vicissitudes do esporte de alto rendimento.



Neste sentido, ao psicólogo é necessário lançar mão de diversos artifícios disponíveis, até então, nos saberes da psicologia para dar suporte nesta área interdisciplinar que é o esporte atual. Uma destas ferramentas é o Psicodiagnóstico, que vem a somar nas intervenções da psicologia do esporte, no sentido de compreender as demandas individuais do atleta, alertando para os fatores psicofisiológicos, sociológicos e de personalidade do jogador (Martini, 2007).

As emoções, a personalidade e as demandas individuais do atleta o acompanham dentro de quadra, nos jogos e treinos diários, influenciando diretamente o desenvolvimento técnico e tático deste (Singer, 1977). Desta forma, a preparação psicológica se torna necessária para o melhor rendimento e performance do jogador durante a partida. E o Psicodiagnóstico se mostra como uma ferramenta adequada para o levantamento destes dados e a possível formulação de intervenções necessárias para o esportista competidor. Tornando factível a avaliação, não só em nível técnico e tático, mas também psicológica deste atleta.

REFERÊNCIAS

BARRETO, J.A **Psicologia do Esporte para o Atleta de Alto Rendimento**. Rio de Janeiro: Shape, 2003.

BATISTA, F. **Aspectos Psicológicos no Futsal Através do Treino Integrado**. Curso Nível III, Rio Maior. Portugal: 2005.

BECKER, A.P., ROCHA, N.L,& ROISENBERG, B.B. **Fundamentos Sobre Psicodiagnóstico e Suas Implicações Terapêuticas**. O Portal dos Psicólogos: 2015.



BRACHT, V. As Ciências do esporte no Brasil. In: A. Ferreira NETO, S.V. GOELLNER, V. BRACHT (Orgs.). **As ciências do esporte no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 1995.

BRANDÃO, M.R, MACHADO, A.A. & SCAGLIA, A. **Coleção Psicologia do Esporte e do Exercício: Futebol, Psicologia e a Produção do Conhecimento**. Volume 3. São Paulo: Editora Atheneu, 2008.

BUCETA, J. M. O que um Psicólogo pode ensinar a um treinador. In: BRANDÃO, M. R. F. et al. (Org.) **Coleção psicologia do esporte e do exercício**. São Paulo: Atheneu, 2008. v. 3: Futebol , psicologia e a produção de conhecimento. P. 37 - 86.

BUCK, J.N. *HTP – Casa-Ávore-Pessoa: técnica projetiva de desenho*, Manual e Guia de Interpretação. São Paulo: Vetor, 2003.

CUNHA, J.A. **Psicodiagnóstico V**. 5ª Edição Revisada e ampliada. Porto Alegre: Artmed, 2000.

DE ROSE JR, D. (Org) **Esporte e Atividade Física na Infância e na Adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. 2ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FIGUEIREDO, S. H. Variáveis que interferem no desempenho do atleta de alto rendimento. In. RUBIO, K. **Psicologia do Esporte: Interfaces, Pesquisa e Intervenção**. 3ª Ed., São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. P. 113-124.

MARKUNAS, M. Periodização da Preparação e do Treinamento Psicológico. In: RUBIO, K. **Psicologia do Esporte: teoria e prática**. Coleção Psicologia do Esporte. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003. P. 33-56.

MARTINI, L. A. Fundamentos da Preparação Psicológica do Esportista. In. RUBIO, K. **Psicologia do Esporte: Interfaces, Pesquisa e Intervenção**. 3ª Ed., São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007. P. 101-112.

MORRISON, J. **Entrevista Inicial em Saúde Mental**. 3ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

RUBIO, K. (Org.) **Psicologia do Esporte**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

RUBIO, K. (Org.) **Psicologia do Esporte: Teoria e Prática**. Coleção Psicologia do Esporte. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2003.



RUBIO, K. (Org.) **Psicologia do Esporte: Interfaces, Pesquisa e Intervenção**. 3ª Ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2007.

RYBA, T. V. & WRIGHT, H. K. **From mental game to cultural praxis: A cultural studies model's implications for the future of sports psychology**. *Quest* 57, 192 – 212: 2005.

SCAGLIA, A. Conhecimento e Futebol: as Bases para sua compreensão em uma perspectiva inter e transdisciplinar. In: BRANDÃO, M. R. F. et al. (Org.) **Coleção psicologia do esporte e do exercício**. São Paulo: Atheneu, 2008. v. 3: Futebol , psicologia e a produção de conhecimento. P. 1–18.

SINGER, R. N. **Psicologia dos Esportes: mitos e verdades**. 2ª Ed. São Paulo: Harper & Row do Brasil, 1977.

SIQUEIRA, I. L. S. M., & OLIVEIRA, M. A. C. O processo de avaliação psicológica. In **Conselho Federal de Psicologia** (Ed.), *Ano da avaliação psicológica: Textos geradores* (pp. 43-48). Brasília, DF: Conselho Federal de Psicologia: 2011

SUÁREZ, J. M. C. Aspectos Psicológicos do Jogador de Futebol Adolescente. In: BRANDÃO, M. R. F. et al. (Org.) **Coleção psicologia do esporte e do exercício**. São Paulo: Atheneu, 2008. v. 3: Futebol , psicologia e a produção de conhecimento. P. 109-118.

TAVARES, M. **Considerações Preliminares à Condução de uma Avaliação Psicológica**. Universidade de Brasília, Brasil: 2012.

OCAMPO, M.L & ARZENO, M.E. **O Processo Psicodiagnóstico e as Técnicas Projetivas**. 3ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

VOSER, R.C. & GIUSTI, J.G. **O Futsal e a Escola: Uma Perspectiva Pedagógica**. 2ª Ed. Porto Alegre: Penso, 2015.

WEINBERG, R. & GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. 2ª Ed. Porto Alegre: Artmed, 2001.